

A coordenação civil-militar e o gerenciamento de crises na Guerra do Vietnã

Raphael do Couto Pereira*

Lições importantes do Vietnã

Durante a guerra do Vietnã, foram desenvolvidas as primeiras intenções consistentes de um serviço de Assuntos Cíveis pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, em especial na Coordenação Civil-Militar, através dos chamados pelotões de ação combinada (*combined action platoons*). Essas ações deixaram marcas as necessidades de aproximação entre o elemento militar e o civil. Mais precisamente, em 8 de março de 1965, os Fuzileiros Navais norte-americanos desembarcavam nas praias de Da Nang, no Vietnã do Sul. O 1º Batalhão de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos no Vietnã, comandado pelo então tenente-coronel Charles E. McPartlin (**Figura 1**), desembarcou sob a supervisão do comandante do Teatro de Operações do Vietnã, o general William Westmoreland (**Figura 2**), para conduzir operações conjuntas com as Forças Armadas vietnamitas, de segurança do Aeródromo de Da Nang. Em 5 de maio do mesmo ano, o presidente Lyndon B. Johnson aprovou o envio da 3ª Divisão de

Fuzileiros Navais e apoios aéreos, para aumentar o poder de combate nessa região do Vietnã. Para exercer o comando e controle desses meios, foi estabelecida a III Força Anfíbia de Fuzileiros Navais (III MAF, na sigla em Inglês),¹ cujo comando foi confiado ao general Lewis W. Walt (**Figura 3**).

Para o general Westmoreland, os esforços do combate deveriam focar, no senso estritamente militar, em operações chamadas “procurar e destruir”, ou seja, o uso de forças norte-americanas concentradas e superiores militarmente para destruir as forças comunistas em batalhas convencionais e até mesmo contra a guerrilha, trazendo assim a paz e estabilidade para o Vietnã do Sul. Porém, elementos do Alto-Comando dos Fuzileiros Norte-Americanos, tais como o general Victor Krulak e os sucessivos comandantes da III MAF, os generais William R. Collins, Lewis W. Walt e Frederick Karch, mantinham uma visão diferente. (ANDREW, 2015, p. 4, tradução livre)

Para esses generais, o confronto direto contra as tropas comunistas não era descartável, mas se deveria focar na estratégia de pacificação das áreas, atentando assim

* CT Fuz Nav (EN/09), graduando no Curso de Segurança Pública e Social (UFF) e mestrando em Defesa e Segurança Civil, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (UFF). Atualmente, exerce a função de observador militar na Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO).



Figura 1 – Da esquerda para a direita, Gen Krulak, Ten Cel McPartlin e Gen Karch em estudo do terreno na elevação 372 a oeste de Da Nang
 Fonte: www.armchairgeneral.com (2016)

para as vilas. Esse esforço de pacificação envolveria, segundo Andrew (2015, p. 4), o estabelecimento de uma segurança física, tendo que também dar subsídios para que as vilas conseguissem prosperar economicamente e no meio da democracia, negando assim ao inimigo a possibilidade de adquirir comida, suporte financeiro e informações valiosas. Eles tinham também a consciência de que essa aproximação com a população levaria tempo, até que se construísse uma relação de confiança. E que tal proximidade reduziria as possibilidades de baixas do lado norte-americano, sendo a forma mais efetiva de se buscar a estabilização do país. Esse debate interno acerca da estratégia a ser abordada — a fricção do combate convencional,

defendida pelo Alto-Comando do Exército, ou os esforços de pacificação defendidos pelos Fuzileiros Navais — seguiu por mais alguns anos. E, para a maioria das pessoas, o general Westmoreland, como o militar mais antigo no comando no Vietnã, ganhou o debate (ANDREW, 2015, p. 4).

O general Walt adotou, na III MAF, a metodologia de pacificação e teve por intenção inicial entender o complexo ambiente operacional em que estava imerso. A análise das localidades e características populacionais que afetavam as suas operações, especialmente nas vilas ao redor de Da Nang, Chu Lai e Phu Bai (**Figura 4**), tiveram prioridade. Em sua análise, constatou a presença de mais de 150.000 residentes em vilas que colocavam o Aeródromo de Da Nang e de Phu Bai dentro do alcance do fogo de morteiro 81mm, que por vezes impedia a operação das aeronaves. Ficou claro que a III MAF deveria expandir o seu perímetro de segurança englobando essas vilas. Esse fato levaria esses militares a tomarem uma postura ainda não enfrentada na guerra do Vietnã, que era o contato direto com a população e suas *nuances*.



Figura 2 – General William Westmoreland
 Fonte: www.history.com (2016)

O general Walt desenvolveu um conceito para complementar o plano de pacificação da III MAF e aumentar a segurança do Aeródromo. Esse conceito era o do pelotão de ação combinada. Para o general Walt, esse sistema, baseado nos pelotões de ação combinada, tinha uma meta simples, que era ajudar na defesa local das forças do nível tático, com treinamento, equipamentos, suporte e a presença constante do elemento de combate norte-americano (TOWNSEND, 2013, p. 31). O contato direto dos militares norte-americanos com as Forças Populares do Vietnã² e com os residentes das vilas poderia resultar vantajoso. A maior vantagem seria ter esses pelotões como elementos de inteligência, em que, com o convívio nas áreas, seria possível estabelecer um fluxo de informações da população, para combater de forma mais eficaz os Vietcongues.³

Porém, para atender aos objetivos do general Walt, surgiu outra problemática, a necessidade de um efetivo maior de Fuzileiros Navais para controlar as áreas em ques-



Figura 3 – General Lewis W. Walt
Fonte: www.gettyimages.com (2016)

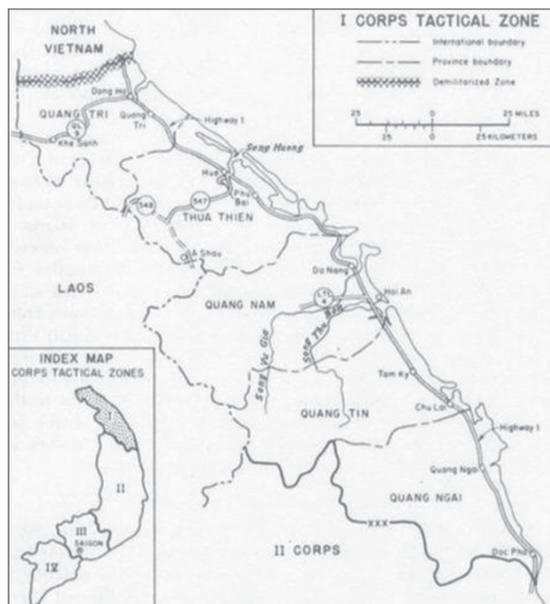


Figura 4 – Zonas do Vietnã do Sul
Fonte: www.dtic.mil (2016)

tão e também a disponibilidade de pessoal preparado, principalmente psicologicamente, para se relacionar com a população local e agir de forma totalmente descentralizada.

A necessidade de pessoal qualificado

A necessidade de pessoal especializado mostrou-se como um fator de grande peso, pois, até então, a doutrina e o preparo de militares habilitados a planejar e exercer as atividades da coordenação civil-militar ainda eram insipientes. A solução vislumbrada para suprir tal deficiência inicial foi estabelecer um processo seletivo interno, no qual o militar prioritariamente deveria ser voluntário e, preferencialmente, ser sargento e comandante de esquadra de tiro. Esses militares eram então considerados como os mais aptos e experientes no campo da liderança

para realizar operações nas vilas e em contato direto com os cidadãos vietnamitas. Eles deveriam ainda ter pelo menos quatro meses de experiência em combate, ser recomendados por seus comandantes diretos e não poderiam ter registros de indisciplina ou de manifestação de xenofobia (TOWNSEND, 2013, p. 29-30).

Os pelotões de ação combinada foram compostos por 14 fuzileiros navais norte-americanos, um enfermeiro da Marinha e 35 soldados das Forças Populares do Vietnã (Figura 5). A liderança do pelotão era dividida, com o comando sendo exercido por um sargento das Forças Populares do Vietnã e tendo por auxiliar um sargento fuzileiro naval americano. Essa estrutura reforçou o papel de liderança e integração entre os militares dos dois países e ainda facilitou a sua inserção nas comunidades (ALLNUT, 1969, p. 17).

Em 1966, só havia sete pelotões inseridos nas vilas vietnamitas, chegando a 114 em 1968. Durante esse período, o conceito

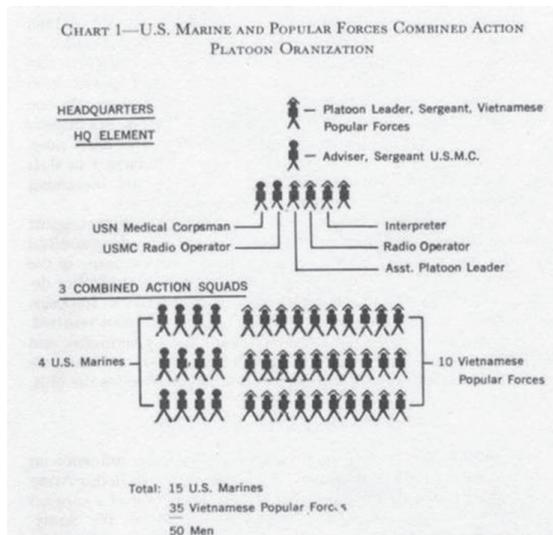


Figura 5 – Pelotão de ação combinada (combined action platoon)

Fonte: TOWNSEND, 2013, p. 34

Combined action platoons heaped friendly aid on Vietnamese villages

By Keith A. Milks
SPECIAL TO THE TIMES

Severely wounded and weak from blood loss, Lance Cpl. Miguel Keith knew the enemy attack had to be stopped. Having already blunted one North Vietnamese assault on May 8, 1970, Keith unhesitatingly charged 25 North Vietnamese soldiers massing for another killing four, he forced the rest to flee before he fell, mortally wounded.

Keith's courage rallied his fellow Marines and South Vietnamese counterparts in Combined Action Platoon 1-3-2 in the Quang Ngai Province, South Vietnam. They overcame the enemy attack. As the last Marine to earn the Medal of Honor in Vietnam, the 18-year-old Omaha, Neb., native served at the grassroots of the United States' Vietnam strategy.

As early as 1965, Marine planners believed the fundamental ingredient to success in Vietnam was to move into the South Vietnamese hinterlands. In 1965, the Corps' area of operation alone, more than two million Vietnamese rural villagers lived under threat of Viet Cong coercion.

The Marine Corps and Navy embarked on a program of civic action, traveling to outlying villages and dispensing medical care to villagers. The programs soon developed to a point where corpsmen established regular sick calls.

Nearly every South Vietnamese village was protected by the Popular Forces, rag-tag groups of local militia empowered by the South Vietnamese government. Although the



PHOTO COURTESY OF TIM DUFFIE

Tim Duffie, a member of a Combined Action Platoon in Vietnam, poses with a youngster he called "Little Hue" in Quang Tri Province, South Vietnam.

PFs were ill-equipped and poorly-trained, the Marines realized their potential for countering Viet Cong guerrillas.

Marine rifle squads and Navy corpsmen were moved into select villages, and these Combined Action Platoons were married with the local PFs. The Marines formed a nucleus around which the PFs, and the village as a whole, could resist Viet Cong influence.

The Marines trained the PFs and led them against the enemy while the squad's corpsman promoted health care in the village. Gen. Lewis Walt, who commanded the Marines in Vietnam from 1965 to 1967, called the program the "Velvet Glove."

The program, combining friendly aid and armed presence, was a major part of a "heart and minds" campaign. The Marines lived among the villagers day and night, completely integrating themselves into the community. Although support from larger Marine bases such as Da Nang and Chu Lai were a radio call

away, life in the villages provided a sense of isolation that formed a unique bond among the Marines and the villagers.

The central government hoped the CAP program would develop a sense of trust in government among the rural citizenry. Program organizers hoped it would weaken the communists' hold over South Vietnam's rural areas.

From its inception in 1965, the program spread across the country.

As America began withdrawing from South Vietnam in 1969, the program had evolved into 102 platoons organized into 19 Combined Action Companies under four Combined Action Groups. In all, close to 5,000 Marines and sailors served in the program.

More information about the Marine Combined Action Platoons can be found at www.capmarine.com, a site devoted to the program run by former CAP Marines. □

Staff Sgt. Keith Milks is stationed at Headquarters Marine Corps. He can be reached at KAMBT@Qaoi.com

Figura 6 – Artigo sobre os pelotões de ação combinada, na revista Marine Times

Fonte: www.capmarine.com

de aplicabilidade e a missão dos pelotões de ação combinada foram mantidos em sua essência, mas a guerra passou da atrição clássica entre duas forças opositoras para o foco na guerrilha, por parte dos vietcongues. Houve, assim, necessidade de aumentar do número de pelotões, que passaram a ter um dos seus focos na montagem e no incremento das redes de inteligência (ALLNUT, 1969, p. 20, 21).



Figura 7 – Fuzileiros navais entregam doação de 17 toneladas de mantimentos para a vila de Tra Kieu, nas proximidades de Da Nang

Fonte: ANDREW, p. 55

Com essa mudança de postura por parte dos vietnamitas, com a introdução da guerrilha, o inimigo não agiria mais como um exército regular, logo não vestiria necessariamente um uniforme. A necessidade de atitudes com viés mais político — aumento da aceitabilidade pela população, redução dos efeitos colaterais, uso adequado da força e uma aproximação gradual e paciente — adentra no ambiente operacional como novo ingrediente. No escopo dessas necessidades, a aproximação da população tornou-se evidente, e o conceito da coordenação civil-militar abrangeria as necessidades por ora apresentadas, criando o balanço correto entre os esforços militares e civis. Ficou claro que esse seria um “trabalho de cada soldado” e um processo ou conceito de operação voltado para os objetivos políticos,

em vez de uma função a ser realizada somente por unidades ou pessoal especializados para a conquista de objetivos puramente militares (RIETJENS, 2008. p. 23, 24).

A condução das atividades no campo tático, para a conquista desses objetivos, assemelha-se aos ditames consagrados atualmente na coordenação civil-militar, em suas duas vertentes: a metodologia da Organização das Nações Unidas (ONU) ou a da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Para a ONU, temos que:

A coordenação civil-militar é uma função de assessoria militar nas missões integradas das Nações Unidas, que facilita as interações entre os componentes militar e civil da missão bem como com os atores humanitários, promovendo o desenvolvimento dos atores presentes na área da missão, para que deem suporte aos objetivos da missão das Nações Unidas. (ONU, 2010,⁴ p. 14-15, tradução livre)

Já para a OTAN, a cooperação civil-militar é definida como:

A coordenação e cooperação, em suporte à missão, entre o comandante da OTAN e atores civis, incluindo a população nacional e as autoridades locais bem como organizações e agências internacionais, nacionais e não-governamentais. (OTAN, 2003, p. 1-1, tradução livre)

Pode-se notar que, na última abordagem, permite-se ao componente militar alcançar o estado final desejado através da coordenação, sincronização e eliminação de conflitos entre suas atividades e as dos atores civis. Essas atividades podem ainda ser pautadas exclusivamente para a consecução de

objetivos, podendo trabalhar as ações com a finalidade de ter conhecimentos da área da inteligência. E, não obstante, ligar as atividades militares aos objetivos políticos. Assim, podemos notar que as abordagens do pelotão de ação combinada, juntamente com as suas lições apreendidas, podem ter sido um dos elementos que contribuíram para o estabelecimento da doutrina OTAN.

O saldo que o Vietnã deixou na integração inicial entre civis e militares

A iniciativa de se formarem os pelotões de ação combinada é considerada por muitos historiadores como um dos programas de maior sucesso durante a guerra do Vietnã (TOWNSEND, 2013, p. 31). Esse sucesso deu-se na análise por completo do programa e seus resultados, mas cabe destacar que, em algumas ocasiões, o programa apresentou falhas e também encontrava forte oposição do comandante do Teatro de Operações do Vietnã, general William Westmoreland.

Na primeira operação de grande vulto, a Operação Starlite,⁵ os elementos das Forças Populares do Vietnã, inseridos juntamente com os Fuzileiros Navais Norte-Americanos nos pelotões de ação combinada eram milicianos locais leais ao regime de Saigon. Eles eram minimamente treinados, com o propósito de tão somente estabelecer a segurança das suas vilas de origem, e estavam despreparados para a escala de violência que enfrentariam durante a operação. Por vezes, eles se escondiam nas trincheiras e se recusavam a seguir juntamente com os fuzileiros. Além disso, eles tinham uma demanda logística desproporcional, pois consumiam duas vezes mais água e comida (AN-

DREW, 2015, p. 49). Durante um dos confrontos em Nam Yen, alguns elementos das Forças Populares acreditavam que os Fuzileiros estariam perdendo a batalha e decidiram se juntar ao suposto lado vencedor atirando contra os norte-americanos.

Já na localidade de Phu Bai, os Fuzileiros Navais Norte-Americanos encontraram elementos das Forças Populares organizados e já estabelecidos antes mesmo de sua chegada ao Vietnã, o que trouxe vantagens, pois a segurança da vila já existia, e eles estavam atrelados a um forte fator motivacional, que seria lutar pelo sentimento de proteção de sua terra e sua família. Isso fez com que houvesse a otimização da implementação do programa de pelotões de ação combinada (TOWNSEND, 2013, p. 39-40). Os fuzileiros sofreram até perceberem que a conquista dos camponeses deveria ser com o contato direto e não através de grupos impessoais. As Forças Populares eram as que poderiam alavancar ou parar com essa campanha (TOWSEND, 2013, p. 39).

Mas para o general Krulak, um dos saldos mais importantes na Operação Starlite não foi o número de vietcongues mortos e sim o valor do estabelecimento do fluxo de valiosas informações de inteligência, que veio como resultado da integração entre as forças militares e os civis nas vilas. Isso reforçou a sua ideia de que o combate convencional deveria dar espaço para as ações de pacificação. Através desse fluxo de informação oriundo da integração entre militares e civis, o general Krulak, em uma mensagem para o comandante-geral dos Fuzileiros Norte-Americanos, conseguiu detectar que os vietcongues estavam abandonando o confronto direto e partindo para uma postura de guerrilha. Para ele, ainda, o sucesso ineren-

te à Starlite se deu devido aos programas combinados de ações civis-militares, principalmente em Da Nang, Phu Bai e Chu Lai, pois trouxe desenvolvimento econômico e segurança para essas vilas. O general ressaltou que a verdadeira vitória no Vietnã só poderá ser obtida com a pacificação das vilas através das ações cívico-militares (ANDREW, 2015, p. 55).

Outro saldo importante dessa integração entre militares e civis foi a redução dos efeitos colaterais. Ou seja, os Fuzileiros Navais Norte-Americanos eram mais relutantes em solicitar ataques aéreos ou de artilharia que não fossem precisos em locais onde tinham o receio de atingir civis que eles conhecessem pessoalmente, reduzindo assim os efeitos colaterais, que são determinantes na condução da guerra moderna, pois impactam diretamente na opinião pública. Essa integração trouxe ainda a imersão dos militares americanos na cultura vietnamita, onde a sua maioria conseguiu aprender até mesmo a língua local. Esse aprendizado e imersão em uma nova cultura não só facilitava a vida do militar na região, mas também trazia maior legitimidade às ações das forças e benefícios culturais e emocionais para os militares. A proficiência em uma segunda língua, em geral a da nação hospedeira, não era uma característica predominante na cultura militar norte-americana. Mas esse contato com os vietnamitas mostrou que esse é um assunto para o qual se deve ter atenção. Segundo relatos do Comandando Militar Europeu dos Estados Unidos, menos de dez por cento dos membros do Departamento de Defesa falam uma segunda língua.

Em oposição a muitos parceiros Europeus, que em sua maioria falam quatro ou cinco línguas e tem um conhecimento profun-

do sobre outras culturas, nós nos Estados Unidos estamos falhando em treinar e nos preparar para esse tipo de cooperação internacional, essa é uma área que temos muito ainda o que fazer. (MILES, 2013, apud TOWNSEND, 2013, p. 43)

Essa preocupação com a cultura e linguagem apareceu também em um estudo encomendado sobre a viabilidade do uso de pelotões de ação combinada na guerra do Iraque. O estudo recomendou que os fuzileiros designados para a missão deveriam receber um treinamento de imersão na cultura e idioma de seis meses em seu Instituto de Línguas e Defesa, localizado em Monterey, na Califórnia (SAVAGE, 2005, p. 16).

Governabilidade e influência direta: fortalecimento de instituições, criação de líderes e serviços básicos sociais

Um ponto decisivo para a efetividade das ações de coordenação civil-militar, bem como o efeito final desejado de uma ação militar de intervenção em um território, é que essa ação consiga ser gerida por uma administração pública sem a ajuda externa. Ou seja, que a vida civil daquele local consiga ser restabelecida e continue a funcionar por intermédio de serviços públicos básicos, sempre corroborando os objetivos militares predeterminados. E os Fuzileiros Navais Norte-Americanos atentaram para esse tema no Vietnã. Havia uma precária estrutura pública, que funcionava para atender demandas básicas das cidades e vilas. O general Walt, vislumbrando a importância do assunto, aproximou-se e estabeleceu contato direto com os governos das províncias. Esse engajamento

adicionou credibilidade ao programa de pelotões de ação combinada, como uma força apta a ajudar a estrutura do governo do Vietnã do Sul (TOWNSEND, 2013, p. 47). De forma indireta, os governadores das províncias tiveram maior legitimidade perante os seus cidadãos e os seus governos centrais, com uma administração funcionando sem necessitar da ajuda de um ator externo. Além disso, a proximidade e coordenação entre civis e militares ajudou a identificação e o recrutamento de líderes locais para que suprissem as linhas sucessórias de governabilidade.

Algumas vilas mais isoladas possuíam dificuldades de abastecimento pela parte governamental, e a presença militar nesses locais ressalta outro aspecto, que é a importância do estabelecimento de serviços básicos, tais como distribuição de água, alimentos e atendimento médico, para barrar as influências e o aproveitamento das forças inimigas convencionais ou de guerrilha. Como os militares estavam em contato direto com os moradores das vilas e líderes locais, eles sabiam quais assistências e os locais exatos que mais necessitavam de ajuda.

Havia dois serviços essenciais que os elementos dos pelotões de ação combinada poderiam contribuir no Vietnã. Esses serviços eram atendimento médico e segurança das colheitas de arroz. (TOWNSEND, 2013, p. 48, tradução livre)

O primeiro serviço essencial para o qual o programa contribuiu foram os atendimentos médicos, pois foram vistos como um serviço básico de custo menor para implementação e manutenção e tiveram também um grande impacto psicológico em favor das tropas norte-

-americanas nas vilas. Assim sendo, foi lançado o Programa de Ação Civil Médica, em que os enfermeiros da Marinha foram inseridos nos pelotões de ação combinada.

Esta resposta imediata aos primeiros socorros e à habilidade dos enfermeiros em prover medicação para acabar ou prevenir doenças imediatamente aumentou a confiança das pessoas nos pelotões de ação combinada. (TOWNSEND, 2013, p. 49, tradução livre)

E os resultados colhidos foram determinantes para a otimização do contato entre civis e militares, pois o programa de ação combinada foi uma espécie de ação cívica espontânea, que evoluiu a partir da satisfação das necessidades geradas pelos moradores das vilas e do desenvolvimento de um espírito de união, dentro dos quais se identificam os interesses mútuos do protegido e do protetor.

Conclusão

O conceito de coordenação civil-Militar não é um fenômeno recente, e já é intrínseco das operações militares do século XX, principalmente no período pós-Guerra Fria, quando foi visualizada a sua importância e a potencialidade de uso para as Forças Armadas.

Por exemplo, as equipes de reconstrução das províncias criadas no Afeganistão em 2004 têm suas raízes no Projeto de Aldeias Estratégicas, implementado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã. Neste exemplo, militares das Forças Especiais foram postos juntamente com os civis representantes da USAID⁶ em uma campanha de conquista de corações e mentes, para promover o desenvolvimento, ao mesmo tempo em que se tra-

vava uma campanha de contrainsurgência⁷ (RANA, 2004, p. 573-573)

Assim, a iniciativa de aproximação e integração entre civis e militares, através da utilização do programa de pelotões de ação combinada, trouxe economia de forças, pois o contato constante com os moradores desencorajava a cooptação por parte da guerrilha, evitando o desbalanceamento do poder de combate e demandando, assim, menor número de soldados para o combate. Além disso, o programa trouxe o melhor entendimento do campo de batalha, crescimento dos aspectos culturais individuais, aumento do fluxo de informações de inteligência, redução

dos efeitos colaterais, diminuindo o número de mortes civis, e aumento do efetivo controle territorial. Considerando que atualmente a tolerância para erros e perdas desnecessárias é bem reduzida na opinião pública, as ações combinadas entre civis e militares atendem bem a essa necessidade. Certamente os planos de integração devem ser incrementados e deve ser considerada uma imersão de tropa, como foi realizada no Vietnã, para que haja adaptação à nova ordem mundial e à demanda por maior relacionamento interpessoal. Mas se mantém a percepção que a coordenação civil-militar é uma das potencialidades das Forças Armadas e necessita de maior atenção. 🌐

Referências

ALLNUT, B. C. **Marine Combined Action Capabilities: the Vietnam experience**. McLean, VA: Human Sciences Research Inc., 1969.

ANDREW, R. **The First Fight: U.S Marines in Operation Starlite, August 1965**. Washington, DC: U.S Marines Corps Reserve, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. 5ª Ed. Brasília: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015. Disponível em: <www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35_g_01_glossario_ffaa_5_ed_2015.pdf>.

HEMINGWAY, A. **Our War Was Different: Marine Combined Action Platoons in Vietnam**. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 1994.

LEHRACK, O. J. Leatherneck: Operation Starlite: The First Battle of the Vietnam War. **Military.com**. Disponível em: <www.military.com/NewContent/0,13190,Leatherneck_050815_Starlite,00.html>.

PEREIRA, R. C. Dissolução de Conflito entre comunidades no Haiti. **Revista Marítima Brasileira**. V.136 Nº 07/09. Rio de Janeiro. 2016. p. 180-190.

ONU. **Civil-Military Coordination in UN Integrated Peacekeeping Missions (UN-CIMIC)**. [s.l.]: Department of Peacekeeping Operations, 2010. Disponível em: <[//docs.unocha.org/sites/dms/Documents/DPKO%20UN-CIMIC%20\(2010\).pdf](http://docs.unocha.org/sites/dms/Documents/DPKO%20UN-CIMIC%20(2010).pdf)>.

OTAN. North Atlantic Treaty Organization. **AJP 9. NATO Civil-Military Co-Operation (CIMIC) Doctrine**. [s.l]: NATO Standardization Agency, 2003. Disponível em: <www.nato.int/ims/docu/ajp-9.pdf>.

RANA, R. Contemporary Challenges the civil-military relationship: Complementarity or incompatibility? **International Review of the Red Cross**, Vol. 86, Nº 855. Genebra. set. 2004. Disponível em: <www.icrc.org/assets/files/other/irrc_855_rana.pdf>.

RIETJENS, S. J. H. Managing Civil-Military Cooperation: Experiences from the Dutch Provincial Reconstruction Team in Afghanistan. **Armed Forces & Society**, Volume: 34 issue: 2, page(s): 173-207, New York, Jan. 2008.

SAVAGE, T.B. **The Combined Action Platoon and Its Applicability in Future Conflict**. Quantico, VA: School of Advanced Warfighting, Marine Corps University, 2005. Disponível em: <www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a509462.pdf>.

TOWNSEND I. J. **Combined Action Platoons in the Vietnam War: a unique counterinsurgency capability for the contemporary operating environment**. Tese de mestrado. Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, 2013.

WELTSCH, M. D. **The Future Role of the Combined Action Program**. Tese de mestrado em Arte e Ciência Militar. Fort Leavenworth, KS: United States Army Command and General Staff College, 1991. Disponível em: <www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a243540.pdf>.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ A nomenclatura atual mudou para Marine Expeditionary Force. É um grupamento operativo de fuzileiros navais nível divisão.

² Composta pelas Forças Armadas do Vietnã, que integraram a coalizão juntamente com os Estados Unidos.

³ O termo vietcongue é derivado da expressão “công sán Viêt Nam”, que significa “comunista vietnamita”. Eram guerrilheiros que compunham a Frente Nacional para a Libertação do Vietnã e que lutavam contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e Vietnã do Sul.

⁴ Elaborada pelo Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA – Office for the Coordination of Humanitarian Affairs) em 2010.

⁵ Conhecida também como a batalha de Van Tuong, foi a primeira grande ofensiva norte-americana. Essa ofensiva se deu de forma preventiva contra o regimento vietcongue para assegurar a utilização e integridade da base aérea de Chu Lai bem como suas torres de comunicação. A operação inicialmente seria chamada de “Satelite”, mas, durante a redação de sua ordem, ocorreu uma falta de energia, e um dos funcionários, ao escrever à luz de velas, cometeu um erro na escrita. (LEHRACK, 2005)

⁶ United States Agency for International Development – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional.

⁷ Estratégia em que se busca derrotar focos de revolta pelo emprego das mesmas táticas do inimigo, normalmente a guerrilha, com o propósito de eliminar o apoio da população à guerrilha. Para tal, essa estratégia inclui, se necessário, reformas sociais, econômicas e políticas na região. (BRASIL, 2015, p. 66)